

A Nossa Bandeira Jamais Será Vermelha: a Luta Contra as Esquerdas em 1964 e 2016¹

Aline Andrade PEREIRA²

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

O artigo investigará a luta contra as esquerdas a partir de dois estudos de caso: a cobertura da Marcha Pela Família com Deus pela Liberdade, em 1964, pelo jornal Correio da Manhã, e a cobertura do protesto pelo *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, em 2016, pelo site O Antagonista. Interessa-nos pensar no que consiste a luta contra as esquerdas nestes dois momentos. A hipótese é que o anticomunismo se configura como uma importante matriz ideológica calcada na memória da tradição intelectual brasileira e que se reatualiza de tempos em tempos.

Palavras-chave: Esquerda; Anticomunismo; Correio da Manhã; O Antagonista; Dilma Rousseff.

Introdução:

Enquanto as “manifestações” organizadas pelos “movimentos sociais” são patéticas, com poucas adesões pagas, os protestos que emanam espontaneamente do povo levam milhões às ruas, com bandeiras do Brasil para lembrar que nossa bandeira jamais será vermelha. O povo brasileiro não quer e não vai aceitar ser a próxima Venezuela. Se lá a situação já parece perdida para os defensores da democracia, no Brasil ainda há como impedir tal destino. O PT será derrotado, para que o país possa voltar a sonhar com um futuro melhor (CONSTANTINO, 2015).

Os dias que se seguem viram o ressurgimento das direitas com toda força no Brasil - e, particularmente, movimentos que pedem a volta dos militares³ - associando todo o cenário de corrupção e crise às esquerdas e aos 13 anos de governo do PT⁴. Até mesmo o anticomunismo, um velho inimigo brasileiro, ressurgiu ainda que com tintas esmaecidas.

O artigo pretende investigar a memória da luta contra as esquerdas a partir de dois casos: as coberturas da primeira Marcha da Família com Deus pela Liberdade, em 1964, e da maior manifestação já ocorrida na história do Brasil, contra a ex-presidente

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017

² Bolsista de Pós-Doutorado (PNPD-Capes) do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

³ A título de exemplo: a página do deputado Jair Bolsonaro – que defende abertamente o regime militar - no Facebook conta com 3.831.777 curtidas até o momento.

⁴ Utilizaremos o plural ao nos referirmos a direita e a esquerda uma vez que entendemos que são muitas as posições dentro dessa orientação.

Dilma em 2016 – respectivamente feitas pelo jornal Correio da Manhã e pelo site O Antagonista⁵. Separadas por 62 anos, as coberturas foram realizadas por veículos totalmente distintos, separados por décadas de desenvolvimento tecnológico e contextos históricos diversos. Porém não nos interessa pensar as especificidades dos meios em si, mas da mídia enquanto “senhores da memória”, capazes de agendar e determinar o que será lembrado e de que forma (BARBOSA, 1993; LE GOFF, 1984).

Em 1964 o discurso anticomunista tinha bastante força no Brasil e o fato justificava-se, em grande parte, pela Guerra Fria. Contudo, com a queda do muro de Berlim e a derrocada dos regimes socialistas do leste europeu a partir da desagregação da ex-URSS, o socialismo real parecia enfim ter sido derrotado – e, portanto qualquer discurso anticomunista também. Sendo assim, de que forma o anticomunismo aparece na imprensa nestes dois períodos: 1964 e 2016? No que se baseia a luta contra as esquerdas atualmente? E mais: como se consolida a memória em torno destes dois episódios? Essas são as principais questões do trabalho.

A hipótese levantada aponta na direção de pensar o ressurgimento das direitas (com traços de anticomunismo mais ou menos carregados) como um fenômeno que faz parte de uma importante matriz ideológica calcada na memória da tradição intelectual brasileira, mudando de forma de tempos em tempos.

Motta, em um importante estudo sobre o anticomunismo no Brasil, pontua que enquanto o comunismo de viés marxista-leninista é definido com relativa facilidade, o anticomunismo se define apenas pela negação, já que a pauta de reivindicações costuma ser ampla e variada. A luta contra as esquerdas atualmente segue caminhos semelhantes, já que a variedade de temas inclui desde a luta contra a corrupção, quanto o temor da transformação de um governo burguês em um regime de esquerda nos moldes bolivarianos; passando pela luta contra o suposto filtro “esquerdizante” das universidades (daí o projeto Escola Sem Partido) e até mesmo contra os movimentos pelos Direitos Humanos em geral e pelos direitos das minorias em particular. Neste processo, a mídia ocupa um papel de protagonista.

Metodologicamente faremos um exame qualitativo baseado na análise de conteúdo das coberturas, procurando caracterizar os movimentos antiesquerdas nos dois momentos, as semelhanças e diferenças, singularidades e regularidades, continuidade e

⁵ O artigo faz parte do Projeto de Pós-Doutorado “A veiculação do projeto ideológico do IPÊS na mídia entre 1962-1964” que visa investigar as articulações entre o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPÊS), considerado por muitas interpretações historiográficas como a célula ideológica do golpe de 1964, e a imprensa.

ruptura. Para tanto, estabelecemos categorias nos moldes de Bardin (1977), procurando pensar de que forma a mídia atuou sedimentando essas memórias de um anticomunismo ou antiesquerdismo⁶.

Para Halbwach (1990) a memória deve ser pensada a partir de “quadros sociais” que estariam uns se sobrepondo aos outros, contribuindo para o fortalecimento ou o afrouxamento das lembranças. A memória se constitui no presente, através da reconfiguração dos fatos. Este processo não se desenvolve de maneira pacífica, sem lutas e sem que os diferentes grupos duelem entre si, fazendo permanecer determinadas visões em detrimento de outras (POLLACK, 1988 e ZELIZER, 1992). É na prevalência de memórias de determinados grupos que se constitui a memória coletiva sobre um fato.

O que vemos hoje é uma percepção diferente sobre o que representaram os anos de ditadura militar e exatamente por isso é compreensível que movimentos mais à direita, ou até mesmo que peçam a volta ao regime militar, sejam vistos. Há alguns anos atrás existia um relativo consenso sobre o mal que a ditadura representou. Hoje em dia isso já não é uma unanimidade. Determinadas versões já são mais aceitas, como por exemplo, a ideia de que se tratou de um contragolpe (já que João Goulart preparava um golpe comunista) e de que os torturados, mortos e desaparecidos eram todos comunistas - e portanto mereciam ser eliminados.

Acreditamos ainda que a mídia atua na construção da memória coletiva através dos jornais, nos moldes de Barbosa (1993) e Le Goff, (1984), na medida em que engendram um poder, selecionando os fatos que devem ser lembrados, daqueles outros que merecem o esquecimento. Para Le Goff (1984) a escrita, através do documento, seria uma forma de memória coletiva arquivada, assim como para Riccoeur (2007), a memória estaria calcada num paradoxo, pois presentifica o passado. A memória seria, portanto, material vivo.

O artigo se estrutura em três partes: na primeira faremos uma análise da cobertura da Marcha da Família ocorrida em 19 de março de 1964, pelo Correio da Manhã. Na segunda, o foco é a cobertura da manifestação anti-Dilma de 13 de março de 2016 pelo site O Antagonista. Na terceira estabelecemos comparações entre as duas coberturas e o papel empreendido pela memória nos dois casos.

⁶ Embora, como lembra-nos Motta (2000), anticomunismo não seja, necessariamente, sinônimo das direitas - já que existiram tradições esquerdistas anticomunistas - aqui usaremos em um sentido bastante próximo em função das próprias direitas utilizarem dessa forma neste momento.

1. A Marcha

A primeira Marcha da Família com Deus pela Liberdade ocorreu no dia 19 de março em São Paulo. Foi organizada por setores do clero e entidades femininas tais como a CAMDE (Campanha da Mulher pela Democracia), União Cívica Feminina, Fraterna Amizade Urbana e Rural. Diversas marchas estavam programadas para acontecer ao longo do mês de abril de 1964, mas após o golpe elas adquiriram o tom de comemoração, ficando conhecidas como Marchas da Vitória - ao todo foram 48 marchas em diferentes cidades do Brasil (LAMARÃO, site CPDOC).

Na cobertura de 1964 fica evidente nas páginas do Correio da Manhã a necessidade de se lutar contra a “subversão”, o caos e a baderna. As reformas de base propostas pelo presidente João Goulart são vistas como uma ameaça à democracia, assim como a tentativa de estatização e uma suposta proximidade com Cuba e URSS. O discurso contido nas páginas do periódico também é carregado nas tintas do catolicismo e udenismo, além de um forte tom patriota. Nos dias que antecedem a Marcha são frequentes as matérias cobrindo a organização do movimento e principais adesões por parte de políticos e entidades.

O Editorial do Correio da Manhã de 20 de março de 1964 destaca que o tema de Família, Deus e Liberdade é uma variante do lema integralista Deus, Pátria e Família. No dia seguinte há também uma chamada de capa para o movimento dizendo: “Marcha quer definição de pessedistas”. Nela, dizem que a organização da marcha apela para a convenção nacional pessedista para que tome posição definitiva contra

a maléfica influência das esquerdas, a serviço de ideologias incompatíveis com os sentimentos brasileiros, dizendo basta à subversão, às tendências estatizantes do governo atual e à entrega dos postos-chave da administração aos agentes, declarados ou não, do imperialismo soviético (grifos nossos).

No dia seguinte, a cobertura da marcha foi extensa. A matéria destaca a paralisação do comércio e o fechamento de ruas. No Manifesto ao Povo Brasileiro distribuído na Marcha: “*Os comunistas*⁷ e seus aliados encontrarão o povo de pé”. Na oração da mulher paulistana ao apóstolo Anchieta, proferida na Marcha, fala-se dos “povos escravizados do *brutal e ateu comunismo*”. Há relatos de “*bandeira rubra nazi-*

⁷ Todas as partes grifadas são grifos nossos.

comunista, com a cruz que não é de Cristo e a *foice e o martelo* tentam assassinar a alma da Pátria”. Durante a marcha rezada Ave Maria e cantado o Hino Nacional.

Gritos de guerra: “1, 2, 3, Brizola no xadrez”; “aço, aço, aço, Brizola é um palhaço” e “verde amarelo, *sem foice sem martelo*”. Em determinado momento pessoas atiraram baldes de água dos prédios e logo se ouviram gritos na marcha de que “aqui tem *comunista*”.

Em 23 de março de 1964: “Ministro em S.Paulo defende legalidade”. Deputado Cunha Bueno fala que a Marcha não é mais um incentivo para que “se radicalize a posição daqueles que querem *dividir o Brasil em dois*”. Ao contrário é uma tentativa de “reconstruir a segurança do regime democrático e o respeito às instituições”. E que na manifestação os “tanques de guerra foram substituídos pela força moral dos rosários”.

Em 31 de março de 1964, uma matéria do Correio fala sobre a organização das senhoras da CAMDE para a Marcha do dia 02 de abril. Nela, a Senhora Violeta Coelho Neto de Freitas, que se associou à CAMDE depois de pronunciamentos no rádio e na TV, diz estar sendo *ameaçada de morte pelos comunistas* por cartas e telefonemas.

Eu não tenho medo de *comunistas* e assim sendo podem continuar ameaçando-me ou até mesmo tentando matar-me em emboscada. Mas enquanto eu puder falar pregarei a liberdade em defesa da democracia.

Longe de desmerecer o relato apavorado da referida senhora, mas parece pouco provável que uma dona de casa recém-admitida à CAMDE oferecesse algum perigo real aos comunistas. Parece-nos muito mais tratar-se do pânico coletivo que se instalou naqueles dias.

O deputado Cunha Bueno diz que “A bandeira Nacional ostentada pelas bravas senhoras da CAMDE *nunca será substituída pelo trapo vermelho* pertencente aos comunistas”.

O dia 01 de abril traz uma matéria intitulada “Proclamação de Krueel contra J.G.”, Amaury Krueel, comandante do 2º Exército, faz uma proclamação e fala em “Salvar a pátria em perigo, livrando-a do *jugo vermelho*”. Ele continua: se tornou “por demais evidente a *atuação acelerada do Partido Comunista* para posse do poder”. O comandante destaca ainda a infiltração comunista no meio militar e a necessidade de neutralizá-la. “Sua luta será *contra os comunistas* e seu objetivo será o de romper o cerco do comunismo que ora compromete e dissolve a autoridade do governo da república”.

A edição pós-golpe vem com um editorial “Vitória”. Nele, destacam-se a nefasta administração do governo João Goulart e o tumulto e a desordem. Aponta que o afastamento não justifica um regime de exceção, não sendo toleradas perdas de liberdade de nenhuma espécie, nem ditadura de direita ou esquerda. A matéria destaca ainda que os generais prometem a volta da legalidade. Um manifesto dos generais Castello Branco, Costa e Silva e Décio Palmeiro de Escobar falam sobre a necessidade de intervir, pois a democracia estava sendo ameaçada. “É o próprio presidente da República que incita à indisciplina e oferece plena cobertura a motins desencadeados, à vista do povo todo, sob a orientação de comunistas conhecidos”.

Na página 2, uma matéria sobre uma palestra de Carlos Lacerda na TV destaca a ligação de Jango com os comunistas. Acusa-o de implantar a “máquina sindical, copiada de Perón e dos regimes fascistas”. E ainda:

montou a *célula comunista*, cancerosa, para a entrega do Brasil à URSS, tornando-se o maior entreguista do país. Deu aos soviéticos as maiores vantagens e com Brizola se encheu de dinheiro das negociações com países da cortina de ferro.

Lacerda fala ainda sobre a “*Comunização* de setores inferiores da Marinha, Exército e Aeronáutica” por parte de Jango que também:

Instalou no Brasil uma quadrilha para *entregar o País à URSS*. Quem votou em Jango Goulart para que ele *implantasse o comunismo* no Brasil? Ele então mentiu e enganou o povo. Disse que faria política trabalhista, mas *fez comunismo*.

Por fim enaltece os generais que tomaram o poder “em atitude corajosa de pioneiros, de *acabar com a implantação do comunismo* no Brasil”.

Motta identifica três fases de anticomunismo agudo no Brasil: 1935-37, com a Intentona Comunista; entre 1946-1950, início da Guerra Fria e também da volta da perseguição ao Partido Comunista Brasileiro depois de um período na legalidade (ainda que o Brasil tenha cortado relações com a URSS antes dos EUA), e por fim em 1964. Tanto em 1937 quanto em 1964 a ameaça comunista foi usada como justificativa para um golpe.

O autor lista algumas matrizes ideológicas que compõem o anticomunismo: o catolicismo, o nacionalismo e o liberalismo. O catolicismo associaria o comunismo ao materialismo e ateísmo, tendo sido condenado pela encíclica papal *Mager et Magistra* como “intrinsecamente mau”. O nacionalismo entendia a nação como um corpo

orgânico, fundamental para a manutenção da ordem. A nação seria intocável e o comunismo visto como um elemento estrangeiro. O liberalismo, por fim, seria um dos traços constituintes do anticomunismo porque as ideias de livre iniciativa, concorrência e auto-regulação do mercado seriam incompatíveis com um regime socialista. No Brasil, o componente católico teria muito mais força do que o liberal. Ao contrário dos EUA, nação predominantemente protestante, onde o liberalismo seria um motivo bastante forte na luta anticomunista.

Motta diz ainda, neste texto que data de 2000, que: “Nos dias atuais, com a *obliteração das acirradas disputas ideológicas* de épocas passadas, estabeleceu-se um quadro propício a avaliações mais imparciais da História” (Grifos nossos, p. 8).

Mal sabia o autor o quão acirrado estaria o cenário em 2017.

2: O Antagonista

Segundo a Wikipedia, O Antagonista é um site jornalístico, opinativo e investigativo criado em 1º de janeiro de 2015 pelos jornalistas Mario Sabino (ex-redator-chefe da Veja) e Diogo Mainardi (ex-colunista da Veja). Em agosto de 2015 o jornalista Cláudio Dantas passou a integrar a equipe. Segundo o Google Analytics, ao final de 2015 o site tinha 20 milhões de vistas em um mês⁸. Em março de 2016, O Antagonista se associou com o portal *Empiricus Research*, considerado a maior consultoria financeira do Brasil.

Sobre a linha editorial do site são os próprios fundadores que dão a pista, em um suposto diálogo entre os dois na seção “A origem”:

O Antagonista nasceu porque tivemos uma pequena ideia.

— Uma média ideia.

A internet tem tudo, mas precisa de um bom editor capaz de pautar, cortar, expurgar e copidescar. Concordo: é mais do que uma pequena ideia, é um caminho.

— Assim fico sentimental como um *ex-tupamaro*⁹: “Caminante, no hay camino; se hace camino al andar”...

— *Tupamaro? Somos de direita.*

— *Somos? Tinha esquecido, não podemos frustrar nossos leitores.*

⁸ Informações da Wikipédia.

⁹ Movimento de Libertação Nacional - Tupamaros (MLN-T) foi um grupo guerrilheiro marxista-leninista que atuou nas décadas de 1960 e 1970 antes e durante a ditadura civil-militar no Uruguai (1973-1985), a exemplo de muitos outros semelhantes na América Latina durante o período. José “Pepe” Mujica, ex-presidente do Uruguai e atual senador, é um ex-tupamaro.

Em tom jocoso, citando um movimento guerrilheiro de esquerda, como que a relativizar a posição, eles dizem ter “esquecido”, como se os posicionamentos à direita ou esquerda não mais existissem ou fossem importantes nos dias que se seguem. Ao mesmo tempo, o recado está dado.

O site possui um visual sóbrio e simples. Preto, com a imagem pequena dos três jornalistas – Diogo, Marino e Cláudio – ao fundo, do lado direito. À esquerda vemos as seções: Assuntos, Origem, Contato e TV. Entre os assuntos é possível acessar Sociedade, Brasil, Mundo, Economia, Cultura, O Financista e Internet. Há ainda, ao lado direito da imagem dos jornalistas, os botões para busca no site e para acompanhá-los nos sites de redes sociais *Twitter* e *Facebook*. Há também uma caixa de cadastro para recebimento da *newsletter*. Segundo os jornalistas, mais de 100 notícias são publicadas por dia no site, distribuídos nessas espécies de editorias. As notícias são bem curtas, salvo entrevistas ou artigos reproduzidos de outros locais.

A última grande manifestação pelo impeachment da então presidente Dilma estava marcada para 13 de março de 2016, logo após a condução coercitiva do ex-presidente Lula para depor e seu pronunciamento. O Antagonista fez um amplo trabalho de propaganda, até mesmo bem antes da manifestação, insuflando a população a protestar antes do dia 13.

O dia da manifestação recebeu cobertura extensa, com atualização de postagens com números de manifestantes e fotos diretamente da Avenida Paulista. Já na primeira postagem do dia sentenciavam:

A maior de todas as manifestações

O Vem Pra Rua convidou 4 milhões de pessoas para os protestos de domingo e 232 mil já confirmaram presença.

Em março do ano passado, o movimento convidou 900 mil pessoas e 100 mil confirmaram.

Em seguida chamou-nos atenção uma postagem de convocação aos empresários:

“Empresário, apareça antes que você desapareça”

A Associação Comercial de São Paulo criou um slogan para atrair os seus integrantes para a manifestação de amanhã, na Paulista...

“Empresário, apareça antes que você desapareça.”

Slogan bom é slogan verdadeiro. O exato contrário do que pensa João Santana.

Em 1964 o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPÊS), tido por diversas interpretações historiográficas como a célula ideológica do golpe - por congregar o alto empresariado brasileiro e militares da Escola Superior de Guerra em uma espécie de

think tank que se articulou à mídia de então para fomentar o medo do comunismo e ódio ao governo Jango – elaborou slogan bastante semelhante. “Empresário: se você não abandonar os seus negócios por 5 minutos hoje amanhã não terá negócios para gerir” (Fundo IPÊS. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro).

Para análise das postagens que se referem especificamente à manifestação, estabelecemos algumas categorias de análise, a saber: Magnitude do protesto; elogios ao juiz Sérgio Moro ou à Lava Jato; antipetismo; intervenção militar; outros políticos.

Postagens enaltecendo a magnitude do protesto podem ser vistas logo na primeira delas. A primeira postagem sobre os protestos trazia como título: “2 milhões de pessoas”: “O Vem Pra Rua diz que há mais de 2 milhões de manifestantes na Paulista. Miguel Reale Jr está lá” – foto do jurista coautor do pedido de impeachment. Um pouco mais adiante outra postagem do mesmo tipo: “Ainda não acabou” (às 16h e 46min). “A PM esperava 1 milhão de manifestantes em São Paulo. Mas chegaram 2 milhões. Esta é a Alameda Santos, paralela à Paulista” – em seguida há uma foto da avenida lotada de gente.

Mais uma postagem exaltando a magnitude dos protestos, dessa vez ironizando uma frase dita pelo ex-presidente Lula que se tornou célebre: “Nunca na história deste país” é o título. Segue: “Tem tanta gente na Paulista, mas tanta gente, que a PM decidiu barrar a entrada de novos manifestantes. Nunca houve algo assim”. Mais uma no mesmo tom hiperbólico a seguir: “Não cabe mais ninguém” é o título. “Os 23 quarteirões da Paulista estão tomados. O Estádio informa que a Bela Cintra e outros acessos à avenida foram fechados. Não cabe mais ninguém”.

Por fim temos o post “A maior manifestação da história do Brasil”.

Eu, Mario, demorei quase uma hora para sair a pé da Paulista, pela rua Pamplona, até a rua Estados Unidos.

O Datafolha contabilizou 450 mil pessoas?

Mentira deslavada.

Repito: havia bem mais de um milhão de pessoas na maior manifestação da história de São Paulo.

A maior manifestação da história do Brasil.

Mário Sabino questiona a metodologia de um instituto de pesquisas dizendo tratar-se de “mentira deslavada” e afirmando, apenas pelo seu julgamento, tratar-se da “maior manifestação da história do Brasil”.

Da mesma forma que as matérias antipetistas são constantes, o juiz Sérgio Moro é elevado à categoria de herói nacional, com qualidades nobres. Vejamos no post “O

que queremos” que se segue: “A imprensa diz que os manifestantes fazem fila para tirar foto com a polícia. Não se trata de uma extravagância. Na verdade, os brasileiros só querem uma coisa: a lei. Que é perfeitamente representada por um *modesto juiz do Paraná*”. Em outro trecho, eles reproduzem a nota de Sérgio Moro sobre as manifestações:

Moro se diz 'tocado' com apoio das ruas

Publicamos mais cedo a nota de Sérgio Moro sobre as manifestações que tomaram as ruas do país, mas vale ressaltar o trecho em que *divide os louros* do trabalho com a PF, o MPF e todas as instâncias do Judiciário.

“Fiquei tocado pelo apoio às investigações da assim denominada Operação Lava Jato. Apesar das referências ao meu nome, *tributo a bondade* do Povo brasileiro ao êxito até o momento de um trabalho institucional robusto que envolve a Polícia Federal, o Ministério Público Federal e todas as instâncias do Poder Judiciário”. (Grifos nossos).

Mais um trecho onde é destacada a modéstia do juiz do Paraná, que divide os louros com colegas.

Se o PT e todos os seus integrantes são alvos constantes das postagens do site, outros políticos - ainda que envolvidos em processos de corrupção em particular na Lava Jato - são citados apenas na medida em que estão contra o PT, como vemos a seguir:

Cunha: “Impeachment em 45 dias”

Em conversa com amigos sobre o impacto das manifestações de hoje, Eduardo Cunha disse acreditar que o impeachment de Dilma Rousseff será aprovado em até 45 dias.

Ele já conversou com outros caciques do PMDB e garantiu que o partido também está unido no Senado.

E Leonardo Picciani? “Será atropelado.”

O deputado federal Eduardo Cunha (PMDB) encontra-se preso no momento em função de envolvimento com corrupção revelados pela Lava Jato.

A seguir em outra nota mais um político citado na Lava Jato, Moreira Franco (PMDB), é qualificado como “um dos principais estrategistas” e “conselheiro” de Temer, como vemos a seguir:

“É a *maior manifestação* política da história”

Moreira Franco falou com exclusividade a O Antagonista sobre os protestos de hoje.

Aos 71 anos, o peemedebista preside a Fundação Ulysses Guimarães, *é um dos principais estrategistas do partido e conselheiro de primeira hora do vice-presidente Michel Temer.*

“Sem dúvida é a maior manifestação política da história. Como disse nas duas últimas semanas, o impeachment é definido pelas ruas. Agora é deixar a natureza obrar.”

O impeachment vai transcorrer naturalmente.

Sobre a reação da presidente Dilma aos protestos:

A “cegueira deliberada” de Dilma

Dilma Rousseff soltou uma nota em que fala dos protestos como se não fosse o alvo principal deles. É a tal “cegueira deliberada” que também acomete Lula.

“A liberdade de manifestação é própria das democracias e por todos deve ser respeitada. O caráter pacífico das manifestações ocorridas no dia de hoje demonstra a maturidade de um país que sabe conviver com opiniões divergentes e sabe garantir o respeito às suas leis e às instituições”.

Uma manifestação minimamente equilibrada por parte da então presidente é vista como “cegueira deliberada”. Mais ataques à ex-presidente são vistos na postagem a seguir:

Se Dilma tivesse *vergonha*, renunciaria

Dilma Rousseff achou que tinha de falar alguma coisa e “enfatizou o caráter pacífico das manifestações”.

A “*cegueira deliberada*” é *falta de vergonha*, nada mais do que isso.

Se tivesse um mínimo de honradez, Dilma renunciaria e, assim, livraria o país do fardo que ela e a *organização criminosa* representam para os brasileiros.

Mais uma vez a manifestação da ex-presidente é vista como “cegueira deliberada”, “falta de vergonha” e o PT descrito como “organização criminosa”.

Por fim destacamos uma nota que congrega um pouco de quase todas as categorias identificadas. Trata-se da última nota postada no dia das manifestações, às 21h e 23 min que sintetizou os pensamentos dos jornalistas do site naquele dia. O título é: “O significado de 13 de março de 2016”.

Foi um *dia glorioso* para o Brasil.

A *maior manifestação* ocorrida no país em todos os tempos deu recados inequívocos:

Os brasileiros querem o *impeachment imediato* de Dilma Rousseff.

Os brasileiros querem que *Lula pague* pelos seus crimes.

Os brasileiros *repudiam o PT*.

Os brasileiros *apoiam a Lava Jato*.

Os brasileiros *não aguentam mais tanta corrupção e tanto cinismo*.

Os brasileiros *não suportam mais tanta incompetência*.

Os brasileiros querem que os políticos parem com o seu *balé indecente* e ajam em favor do Brasil.

Os brasileiros querem *o seu país de volta*.
13 de março de 2016 *entrou para história*.

Um dia que “entrou para a história”, “dia glorioso”, “maior manifestação”. Todos apoiando o impeachment, a punição de Lula e do PT, apoiando a Lava Jato, contra corrupção e incompetência. Fica a pergunta de qual país os manifestantes querem de volta, já que registros de corrupção, cinismo e incompetência existem desde o descobrimento do Brasil.

3. Seis décadas de separação:

A seguir, estabelecemos um quadro comparativo dos dois protestos a partir das coberturas feitas:

	1964	2016
<i>Anticomunismo - principais inimigos</i>	Forte. Cuba e URSS.	Fraco. Venezuela e Cuba.
<i>Clamor pela intervenção militar</i>	Forte	Fraco
<i>Contra corrupção</i>	Fraco	Forte
<i>Predominantemente contra 1 partido</i>	Fraco	Forte - PT
<i>Partidos à frente</i>	UDN	Nenhum claramente
<i>Principal demanda</i>	Retirada de Jango.	Retirada de Dilma por meio do impeachment
<i>Catolicismo</i>	Forte	Inexistente
<i>Liberalismo</i>	Fraco	Forte
<i>Nacionalismo</i>	Presente. Conotações integralistas.	Presente.
<i>Ênfase na democracia</i>	Presente	Presente

Enquanto em 1964 tínhamos um anticomunismo calcado em um forte udenismo e lacerdismo, além dos clássicos inimigos externos Cuba e URSS, em 2016 o anticomunismo se mescla a uma espécie de antipetismo e antiesquerdismo generalizado.

Para Le Goff (1984) a escrita, através do documento, seria uma forma de memória coletiva arquivada, assim como para Ricoeur (2007), a memória estaria calcada num paradoxo, pois presentifica o passado. A memória seria, portanto, material vivo. Para Pollak: “A memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos

outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais” (1988, p. 3).

Halbwachs pensa a memória como um fenômeno social, particularmente a partir do conceito de “quadros sociais da memória”. Toda memória seria coletiva na medida em que só seria possível lembrar-se a partir do cruzamento de referências presentes em diferentes “quadros sociais”. Memória é, portanto, reconstrução do presente a partir de referências do passado compartilhadas por determinados grupos.

Mesmo quando nos encontramos sozinhos, há dentro de nós diversas “vozes” que se fazem ouvir, referências das quais compartilhamos e que fazem das nossas memórias a soma ou a interseção destas. Da mesma forma, quando nos distanciamos das mesmas, aquelas memórias se encontram silenciadas dentro de nós. Muitas vezes existe simplesmente a percepção equivocada de que certos sentimentos ou ideias partiram de nós mesmos, quando são decorrência do grupo, mas não nos damos conta. Os indivíduos se recordam inseridos em grupos que se alicerçam em outros e assim sucessivamente. E como diversas perspectivas se sobrepujam, podemos ter a impressão de que não estamos vinculados em nenhum grupo de fato – quando na verdade somos diferentes reagrupamentos de memórias que constituem a nossa própria.

Retornando a Halbwachs: “(...) cada grupo social empenha-se em manter uma semelhante persuasão junto a seus membros” (p.47). Lembramos que a memória é um trabalho que se desenvolve no presente, um instrumento de coesão da identidade de certos grupos. Como nos mostra o autor, a distância pode nos dar essa impressão de uniformidade:

À medida em que os acontecimentos se distanciam, temos o hábito de lembrá-los sob a forma de conjuntos, sobre os quais se destacam às vezes alguns dentre eles, mas que abrangem muitos outros elementos, sem que possamos distinguir um do outro, nem jamais fazer deles uma enumeração completa (p. 72).

Le Goff (1984) segue na mesma direção: “Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas”. (p.13). Para Barbosa (1993), a mídia carregaria essa função na modernidade, na medida em que estabelece os fatos relevantes. Ao fazê-lo, está implícita a tarefa de relegar outros ao esquecimento, tornando-se “senhores das memória”, guardiões da faculdade de rememorar, discernindo o que deve ser lembrado do que deve ser esquecido.

Segundo Pollak (1988): “existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, *não ditos*”. (p.8). Esse processo seria, portanto, um campo de luta em que diferentes agentes expressam suas visões em detrimento de outras:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes (...) (1988, p. 9).

Sendo assim, o autor retoma um termo de Henry Rousso: “memória enquadrada”, mais eficiente, segundo Pollak, do que o de “memória coletiva”. Este conceito seria mais adequado, pois apontaria o conjunto de referências que se cruzam na formação da memória de um grupo, mantendo e/ou rompendo espaços anteriormente definidos e ocupados por outros.

Considerações finais:

Longe de responder totalmente as inquietações lançadas inicialmente, este artigo configurou-se em uma primeiríssima abordagem em um tema bastante espinhoso.

Cenário impensável até poucas décadas atrás, a polarização política atingiu níveis assombrosos no Brasil desde as eleições de 2014 – e só vem se agravando desde então, dando poucos sinais de um arrefecimento. As direitas vêm ganhando espaço no mundo todo e no Brasil não foi diferente. Se em 1964 o inimigo era o comunismo, representado pelas reformas de base do governo João Goulart e em supostas ligações com Cuba e URSS, e o catolicismo dava o tom do protesto, hoje em dia vemos toda a artilharia voltar-se para um único partido, porém tendo também alguns inimigos externos como a Venezuela e, em menor grau, Cuba. O anticomunismo caminha entre nós como um zumbi, morto-vivo tecido de um amontoado de pautas das direitas. Se outrora, em 1964, o comunismo era um perigo ameaçador em função da Guerra Fria, hoje encontra-se diluído formando um imenso guarda chuva ideológico que aborda toda reivindicação minimamente à esquerda.

Embora imersos em um novo cenário comunicacional, o discurso do site O Antagonista parece ter viajado diretamente do passado até nós para nos assombrar, tamanha a semelhança com as publicações alarmistas de 1964. É como se a cada ciclo de dificuldades experimentadas pelo país ímpetus higienizantes viessem à tona,

desejando a “limpeza de tudo que está por aí”, a volta a um passado idílico e imaculado onde não existia corrupção e até mesmo uma intervenção militar redentora. E, nesse processo, surgem vilões e mocinhos, bons e maus, polarizações que negligenciam a complexidade do momento histórico. A mídia é palco de todas essas disputas.

Referências

- AZEVEDO, R. **O 15 de março 3 - “A nossa bandeira jamais será vermelha”**. Site da revista Veja. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-15-de-marco-3-a-nossa-bandeira-jamais-sera-vermelha/>
- BARBOSA, M. **Senhores da memória**. Tese de doutorado. Departamento de História – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1993.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CONSTANTINO, R. *A nossa bandeira jamais será vermelha*. 18/08/2015. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/opiniao/nossa-bandeira-jamais-sera-vermelha-17215784>
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- JEUDY, H.P. **Memórias do social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- LAMARÃO, S. *A conjuntura de radicalização ideológica e o golpe militar. A Marcha da Família com Deus pela Liberdade*. Site CPDOC. Disponível em http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/AConjunturaRadicalizacao/A_marcha_da_familia_com_Deus
- LE GOFF, J. **Memória**. In Enciclopédia Einaudi. *Memória-história*, vol 1. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
- MOTTA, R.P.S. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. Tese de Doutorado em História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo: 2000.
- MUSTO, M. *O ameaçador avanço da extrema direita na Europa*. <http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/O-ameacador-avanco-da-extrema-direita-na-Europa/6/34965>
- POLLAK, M. **Memória, esquecimento e silêncio**. São Paulo: Edições Vértice, 1988.
- RICCOEUR, Paul. **A história, a memória, o esquecimento**. Campinas, São Paulo: Unicamp, 2007.
- ZELIZER, B. **Covering the body. The Kennedy assassination, the media, and the shape of collective memory**. Chicago: The University of Chicago Press, Ltd 1992.

Jornais e arquivos:

- Fundo do IPÊS. Arquivo nacional do Rio de Janeiro.
- CORREIO da Manhã. 19/03/1964.
- CORREIO da Manhã. 20/03/1964.
- CORREIO da Manhã. 22/03/1964.
- SP: *Faixas com ofensas e micaretaço marcam ato anti-Dilma*. Site Terra. 15/03/2015. Disponível em: <https://noticias.terra.com.br/brasil/politica/sp-faixas-com-ofensas-e-micaretaço-marcam-ato-anti-dilma,ea5dbf22d8f1c410VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>
- <https://www.oantagonista.com>